

O CONCEITO DE LUGAR: A APROXIMAÇÃO DA GEOGRAFIA COM O INDIVÍDUO

KELLY RODRIGUES¹

Resumo: O objetivo do presente texto é discutir algumas modificações que ocorreram na abordagem do conceito de “lugar” nas diferentes escolas de pensamento geográfico. Compreender como tal conceito é importante para o desenvolvimento de uma Ciência Geográfica mais preocupada com o sujeito, sua singularidade e subjetividade.

Palavras-chave: sujeito, lugar, geografia.

Abstract: The present paper sets the goal of discussing some modifications occurred in the formulation of the concept of "place" within the several schools of the geographic thought. The understanding of such concept is significant for the development of a Geographic Science among whose intents lies a deeper concern with the subject, with its singularity and its subjectivity.

Key-words: subject, place, Geography.

Introdução

O estudo do lugar passou por mudanças ao longo do tempo com a sucessão das diferentes correntes teóricas da Geografia. Iniciou-se como uma referência locacional e passou a ser, efetivamente, tratado como categoria de análise essencial da disciplina a partir do desenvolvimento dos estudos da Geografia Humanista quando alguns autores desenvolvem uma visão mais profunda e complexa das relações que o sujeito estabelece com o seu lugar a partir das vivências do cotidiano. O lugar é visto como o *locus* do sujeito que o constrói, ao mesmo tempo em que constitui a si mesmo se relacionando com o mundo e com a coletividade social. Há ainda o esforço da geografia crítica que se preocupa com a inserção do lugar e do sujeito no mundo globalizado, sem perder de vista a especificidade que

¹ - Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG) E-mail de contato: kellyrodrigues07@gmail.com

esse lugar adquire diante da homogeneidade do mundo. Essa corrente traz uma abordagem dialética da homogeneidade/singularidade, acrescentando um novo aspecto à leitura do lugar.

A interpretação inicial do lugar, na Geografia, como localização pode estar diretamente ligada à própria etimologia e significado da palavra, pois lugar advém do latim *locális*, de *locus* que designa “espaço ocupado, localidade, posição”. Também pode significar “povoação, localidade, região e país”. Além disso, a palavra pode ser empregada como “oportunidade, ensejo, vez”. Há, portanto, uma multiplicidade de vocábulos que podem designar o lugar. Entretanto, na Geografia, o sentido do conceito de lugar depende essencialmente da interpretação dada pelas diferentes correntes teóricas. É preciso considerar que elas advêm de momentos históricos e de bases filosóficas distintas correspondentes aos modos dos homens se relacionarem entre si e com o meio em que vivem.

1. Breve trajeto pelas escolas do pensamento geográfico que se referem ao lugar

A Geografia iniciou-se, tradicionalmente, como uma ciência descritiva, comparativa, sintética, tendo como propósito fundamental a relação homem/natureza e a formulação de uma visão de conjunto sobre a terra a partir do estabelecimento de comparações entre as regiões. Corrêa (2012, p.17) ressalta que, na Geografia Clássica, os conceitos privilegiados eram paisagem e região.

Ao longo do tempo, o enfoque da disciplina foi se transformando e os estudiosos deixaram de centrar suas análises somente nas diferenciações dos lugares e na relação homem/natureza, e passaram a discutir também a relação homem/sociedade. Sorre (1984, p. 88 e 89) falava de uma transposição da disciplina, concebida até então como corográfica, para uma ecologia em sentido mais amplo. Reclus (1985, p. 44) previa que, quando o homem enfim conhecesse todo o mundo, a grande tarefa da geografia não seria mais “percorrer terras longínquas”, mas sim estudar a fundo os detalhes da região em que se vive.

Apesar dos desdobramentos da Geografia Clássica sugerir uma complexidade dos estudos locais, Holzer (2012, p.293) recorda que um dos primeiros autores a se afastar do sentido apenas locacional do lugar, propondo uma

nova abordagem para Geografia, é Lukermann ao enfatizar que a “tarefa da Geografia não é mais apenas inventariar o conteúdo das áreas, mas analisar o modo de ver o mundo das pessoas que ali se encontram”. Desse modo o conceito de lugar proposto pelo autor, segundo Holzer, começa a se aproximar do conceito de mundo, enunciado pelos fenomenólogos.

Contudo, o interesse pelo lugar, como categoria de análise fundamental da Geografia, só veio a se concretizar, de forma mais significativa, com o advento da corrente humanista e crítica, a partir da década de 1970. Os dois movimentos, embora com posturas teóricas metodológicas diferentes, têm em comum a oposição ao positivismo. Fazem uma crítica aberta à ciência lógica, excessivamente preocupada com o objetivismo, deixava de lado os aspectos sociais para se fundamentar em conceitos baseados na matemática e estatística.

1.1. Geografia Humanista: o lugar como experiência vivida

Buscando uma renovação conceitual, teórica e metodológica, a corrente humanista fundamenta-se nas filosofias do significado, principalmente, na fenomenologia e no existencialismo. Prioriza a micro escala, propondo uma análise do lugar como mundo das experiências intersubjetivas dos indivíduos. Desse modo, a categoria ascende à condição de peça chave da Geografia, fundamental para entender os sentimentos espaciais a partir da experiência cotidiana, do simbolismo e do apego pelo lugar.

Edward Relph (2012, p.20), um dos autores da corrente humanista, afirma que o interesse pelo conceito de lugar foi despertado, devido ao que ele chama de “erosão da paisagem”. Fenômeno ocorrido em meados de 1950 que trouxe rápidas transformações ao mundo, sobretudo, com o advento dos projetos de arquitetura moderna sem conexão alguma com as histórias locais. A ideia ligada ao progresso técnico, fomentada pelo advento de grandes multinacionais, criou “paisagens sem lugar” resultando em perdas de diversidade e identidades geográficas.

A partir disso, Relph faz uma crítica à visão científica do mundo que obscurantiza os significados do *Lebenswelt*, transformando a complexidade das experiências em meros objetos. Ele propõe um método, baseado na fenomenologia, que busca descrever as experiências imediatas com o lugar para além das

aparências, colocando-se na posição daqueles que experienciam os fenômenos. Para isso, conceitua o lugar como sendo “fonte existencial de autoconhecimento e responsabilidade social” (RELPH, 1979, p.6) e, mais tarde, como “microcosmo, onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2012, p.31).

Para fundamentar seu argumento, Relph retoma uma obra, até então esquecida pelos geógrafos, e que fundamenta muito bem seus argumentos, O homem e a terra: natureza da realidade geográfica, escrita por Eric Dardel em 1952, é reconhecidamente a primeira obra geográfica inspirada pela fenomenologia. Holzer (2010) afirma que o livro de Dardel, retomado por Relph, foi a semente para todo o movimento humanista. Já antes dos autores da Geografia Humanista, Dardel definia o lugar como “suporte do Ser”:

Em nossa relação primordial com o mundo, ao nos abandonarmos às virtudes protetoras do lugar, firmamos nosso pacto secreto com a terra, expressamos por meio de nossa própria conduta, que nossa subjetividade de sujeito se encolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, repouse. É desse lugar, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspectos, para trabalhá-lo. (DARDEL, 2011, p. 40-41).

David Lowenthal (1961, p.118) também integra o arcabouço humanista, quando numa de suas publicações datada de 1961, descreve as “geografias pessoais”, defendendo que qualquer pessoa que examine e vivencie o mundo ao redor de si é, de algum modo, um geógrafo. O lugar para ele, “é uma visão compartilhada do mundo”, presente em todas as geografias pessoais. O autor utiliza a expressão *terra cónita* pessoal como sendo “distinta do domínio compartilhado de conhecimento. É muito mais localizada e restrita no espaço e no tempo particulares do mundo, nem sempre são incorporadas na imagem geral”. Ele exemplifica ao dizer que sabemos muito pouco da terra como um todo e de suas partes mais amplas, embora saibamos muito sobre a “delgada fração do globo” na qual vivemos. A experiência do indivíduo é essencial para entender aspectos do lugar que ninguém, que não o tenha vivenciado pessoalmente, poderia saber.

Outros autores cruciais para o desenvolvimento da corrente humanista, que também destacam a relevância da vivência do sujeito para a fundamentação do

conceito de lugar são Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer. O manifesto de Tuan Geografia humanística, publicado em 1976, propõe uma nova leitura a partir de um ponto vista humanista que procura entender o mundo por meio da relação das pessoas com a natureza salientando os sentimentos e ideias a respeito do espaço e lugar. Buttimer (1982) endossou o movimento com a publicação do artigo *Aprendendo o dinamismo do mundo vivido* que sugere uma “atitude fenomenológica” que inclua as noções de intencionalidade e mundo vivido, próprias da fenomenologia e do existencialismo, para serem utilizadas pela Geografia.

Mas, o que pensam esses autores sobre o lugar? Os dois partem da diferenciação entre espaço e lugar para explicar a especificidade do último conceito em relação ao primeiro. Buttimer (1982, p. 180) destaca o “sentido de lugar” citando os trabalhos dos geógrafos franceses do início do século XX. Para ela, o “gênero de vida”, conceito elaborado por La Blache, modelou e foi modelado, posteriormente, pelo sentido que o conceito de lugar adquiriu ao longo do tempo. Mesmo as mudanças tecnológicas que abriram os horizontes das pessoas para relações mais amplas não “solaparam o sentido de lugar”. Para Buttimer, sob o ponto de vista do lugar, o mundo vivido pode ser compreendido “como uma tensão (orquestração) de forças estabilizantes e inovativas”. A mudança de ritmo dentre as diferentes escalas é expressa pelo relacionamento do corpo com o mundo e “pode ser vista como protótipo do relacionamento entre lugares e espaço, lar e amplitude na experiência do mundo”. Na relação rotineira, o indivíduo vive numa busca constante pela ordem, pelo hábito cotidiano, ao mesmo tempo em que se lança em busca da aventura e do movimento.

Na introdução de seu livro *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, Tuan (2013, p.14), faz uma comparação entre espaço e lugar, considerando-os termos ambivalentes. Enquanto espaço é liberdade, conceito mais abstrato, lugar é segurança, dotado de valor concreto, “é a pausa no movimento que torna possível que a localização se transforme em lugar”. O autor acrescenta a dimensão do tempo na compreensão do mundo vivido como componente básico e indissociável do espaço no âmbito da experiência humana. “O tempo ilusório é ancorado no espaço, e o espaço é ancorado na realidade mais tangível do lugar” (TUAN, 2011, p.7).

Também é preciso tempo para adquirir-se um sentido de lugar. Para Tuan, quanto mais tempo vive-se em um lugar, melhor, mais profunda e significativa será a experiência, pois o passado é um elemento fundamental na constituição do apego. Em várias passagens, o autor alerta para o fato de que a experiência constitui os lugares, e o faz em escalas diversas: lar como vivência primeira, cidade como centro de símbolos significantes, bem como os bairros, as regiões e o Estado-Nação. Todavia, à medida que a escala muda (saindo do lar para a Nação) o indivíduo perde, progressivamente, o relacionamento direto com o espaço, remetendo para uma compreensão mais fragmentada.

Os autores humanistas despertaram, portanto, o interesse pelo lugar, nos estudos geográficos. Seguindo uma atitude fenomenológica, referem-se ao conceito como uma experiência vivida no espaço, considerando os fatores subjetivos do indivíduo vivenciados a partir de uma base material objetiva e da relação com outros sujeitos. Propõem uma visão intersubjetiva, explicitada por Buttimer, como o diálogo entre indivíduo e o mundo vivido. O lugar é então, na corrente humanista, uma categoria central geradora de significados geográficos em constante relação com o espaço abstrato. A partir das ideias humanistas, surgem também críticas e novas interpretações sobre o conceito.

1. 2. Geografia crítica: o lugar no mundo global

A partir do exposto, surge um interesse profícuo sobre a categoria lugar que se expande para outros campos da Geografia. Uma vertente que se interessa e, inclusive, desenrola uma crítica às ideias humanistas é a corrente crítica, fundada no materialismo histórico dialético. Tem como principais expoentes, na atualidade, os geógrafos britânicos David Harvey e Doreen Massey e, no Brasil, figura como principal representante o geógrafo Milton Santos. Influenciados pelo fenômeno da globalização que tem como tônica a fragmentação dos espaços, os autores tentam inserir nas análises sobre o lugar uma leitura embasada nas relações estabelecidas entre o local/global.

Relph (2012, p.21) demonstra que Massey e Harvey consideram o lugar, na visão humanista, um “local de nostalgia”, limitado e entendido como eterno. Para eles, o lugar humanista é excludente, pois demonstra uma visão provinciana sobre o

conceito. Os autores da corrente crítica apresentam, então, uma visão alternativa que considera os lugares como nós de interação das redes social, econômica e política global, na qual os lugares “são manifestações locais de macroprocessos econômicos ao invés de emergirem de um contexto histórico específico”. Inserem um “sentido global de lugar” definido pelas relações que mantêm com a exterioridade.

É por buscar uma leitura capaz de inserir as singularidades do lugar na condição pós-moderna que Massey (2012, p. 2) aponta um novo sentido sobre a categoria. Faz uma crítica ao que ela chama de “visão romântica” que julga a identidade como algo que nasce do solo dos lugares e não da relação que ele mantém com o resto do mundo. “Um lugar não é uma coisa fechada, com uma identidade essencial, é uma articulação específica de relações globais, e é esta articulação de relações mais amplas que apresenta a sua particularidade”. A autora também enfatiza que a especificidade do lugar é algo que está sempre em constante disputa de forças e que pode servir como uma base de resistência contra as injustiças geradas pelo capitalismo neoliberal.

À procura das modificações sofridas pelo lugar na relação com a globalidade, Harvey também o analisa considerando os novos fatores que interferem no estudo da categoria como o aumento da mobilidade das pessoas com a ampliação dos meios de transporte ou a diferenciação dos lugares como um componente para atrair os investimentos externos. Ferreira (2002, p. 22) expõe a crítica de Harvey à visão humanista que preconiza a relação íntima com o lugar, o que limitaria o entendimento dos processos “sócio ecológicos” mais amplos que ocorrem em escalas que não podem ser diretamente experienciadas, que estão fora do alcance fenomenológico. A memória coletiva como fator de estabilidade para a configuração do lugar na Geografia Humanista é vista por Harvey como constituinte de instâncias de poder que visam à construção do imaginário social. O lugar funcionaria como um terreno fechado para o controle social, difícil de ser rompido.

Entretanto, Harvey, institui o lugar como um *locus* de resistência e mobilização. Base para uma revolução contra as injustiças sociais geradas pelo sistema neoliberal. “É a celebração da diferença e da diversidade subordinadas a um arco de unidade” (2002, HARVEY apud FERREIRA p. 24). Defendendo uma

visão dialética, o autor presume que, ao contrário do que postula a fenomenologia, o contexto planetário é primordial na produção dos lugares.

Numa visão dialética, Milton Santos faz uma interpretação do lugar como “condição e suporte das relações globais” (SANTOS, 2005, p.156), às vezes concebido como mercadoria e, também como expressão de uma individualidade. De acordo com ele, no surgimento do meio técnico-científico-informacional, o lugar emerge como uma combinação particular dos modos de produção, reflexo da divisão do trabalho. Na ordem local/global se constitui também uma razão global e uma razão local, que em “cada lugar se superpõem e, num processo dialético, tanto se associam quanto se contrariam” (SANTOS, 2005, p. 166). Assim cada lugar constitui uma existência corpórea e uma existência que se relaciona com o mundo globalizado.

Há, no mesmo lugar, o que ele chama de “acontecer hierárquico” resultante das ordens e informações provenientes de outros centros de poder que geram verticalidades e, ao mesmo tempo, o “acontecer solidário” resultante da realização de tarefas comuns produtoras de relações comunicacionais advindas do cotidiano partilhado que geram horizontalidades. Nesse sentido, Santos considera que o lugar é “globalmente ativo” e que “mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo obtida através do lugar” (SANTOS, 2012, p.161-162). Essa consciência pode ser, no lugar, possibilidade de autonomia, de construção de um projeto de futuro que seja diferente do hegemônico.

2. Considerações Finais: acepções recentes, diálogo possível?

É possível concluir que apreender o lugar é contextualizá-lo não só espacialmente, mas, fundamentalmente, nas concepções teóricas que oferecem distintas lentes de análise conduzindo a interpretações diferentes. De diferentes maneiras, alicerçadas em bases teóricas metodológicas distintas, as correntes têm em comum a abordagem do lugar como um conjunto de relações espaciais e sociais, fato que complexificou o entendimento sobre a categoria.

Para alguns autores, na medida em que as duas correntes colocam em pauta a relação das sociedades e indivíduos com o espaço, elas convergem em algum sentido. É o caso de Berdoulay e Entrikin (2012, p. 106), que enfatizam o encontro

das duas correntes na crucialidade do debate sobre a identidade nos dias atuais. Para os autores, a discussão mostra o quanto a afirmação cultural identitária se reproduz nas mais diversas escalas espaciais e revelam a urgência da quebra da visão do sujeito impassível. Os autores acreditam que o lugar adquire uma importância renovada na modernidade, pois a mobilidade das populações e o acesso a diferentes fontes de informação não anulam a busca de um lugar de pertencimento, mas inserem-no “em uma dialética da mobilidade e sedentarização”.

Os autores fazem, baseados numa revisão epistemológica da geografia que abarca as correntes humanista e crítica, uma nova proposta metodológica para o estudo do sentido de lugar no novo contexto em que ele se insere. Ressaltam nessa proposta a força do relato como elemento primordial, pois confere ao sujeito a capacidade de interpretar seu mundo, de lhe dar sentido. Como o conceito não sugere uma escala a priori, o que está em jogo são as mediações tecidas pelo sujeito entre o mundo e o seu lugar:

Assim, o lugar repousa sobre a ideia de um sujeito ativo que deve, sem cessar, tecer ligações complexas que lhe dão sua identidade, ao mesmo tempo em que definem suas relações com seu ambiente. O relato fornece o meio de operacionalizar o espaço conceitual assim aberto. O lugar, como o sujeito, se institui e se exprime sobre o modo privilegiado da narrativa. (BERDOULAY E ENTRIKIN, 2012, P. 109).

Em outra direção, Marandola (2012, p. 237) não vê a possibilidade de diálogo entre as correntes humanista e crítica. Ele atesta que a última, inclusive, tenta mostrar certa “falência da forma de identificação com lugar” antes esboçada pelas ideias humanistas. De acordo com o autor, Massey e Harvey são inspirados pela teoria da liquidez de Bauman que implicaria na fluidez das relações sociais e do sentido de tempo e espaço. Eles sugerem que o lugar também tenderia a se fluidificar na atualidade com os elementos externos. No entanto, Marandola (2012, p. 242-243) contesta a ideia da corrente crítica argumentando com Heidegger que a “experiência espacializada é inalienável”. Mesmo a experiência contemporânea sendo sobremaneira desconcertante por ampliar em demasia as esferas da existência, ela não enfraquece o sentido de lugar. Ao contrário, o apego pelo mundo circundante é acrescido na medida em que, mais que nunca, se busca a construção de uma “autoidentidade”.

Sob a ótica de produtor de identidades, assim também o lugar é visto por Ana Fani que escreveu um livro intitulado *O lugar no/do mundo* todo dedicado à categoria. Adepta às leituras materialistas dialéticas, inspiradas principalmente por Lefébvre, ao mesmo tempo em que fala da hierarquização dos lugares gerada pelo modo de produção capitalista, a geógrafa se aproxima da abordagem humanista quando retrata a concepção de lugar articulada à prática cotidiana que une o local e mundial numa teia de relações que envolvem maneiras de ser, afetos e vivência de cada habitante produtor de sentidos a sua maneira. Define o lugar como:

Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (CARLOS, 2007, p. 22)

O interesse pelo lugar, como substrato material da existência humana, ultrapassa até mesmo o âmbito da geografia e desperta o interesse de outras áreas do conhecimento como a própria filosofia, de onde se originaram as bases teóricas, a partir da obra de Husserl sobre a fenomenologia, para a geografia humanista.

Destacam-se os estudos de Heidegger, discípulo de Husserl e grande influenciador do existencialismo. Ele insere a ideia do *Dasein* como o espaço que o ser ocupa no mundo, mais tarde, esse conceito influenciaria os estudos pela experiência do sujeito com o lugar. Já no fim de sua vida Heidegger sugeriu “é preciso pensar se, e como, na era da civilização mundial tecnicizante e igualizadora ainda pode existir uma terra natal” (2012, HEIDEGGER apud RELPH, p. 302).

Bachelard com sua obra *Poética do Espaço* enuncia a primeira referência à *topofilia* (laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material) que inspirou o livro homônimo de Yi-Fu-Tuan. Por último, Merleau Ponty define o mundo a partir da experiência: “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que vivo” (2006, p.14). O filósofo inspira o sentido de lugar da geografia humanista a partir da ideia de mundo vivido que inclui as experiências com o espaço e com as outras pessoas pela intersubjetividade: “mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras”. (PONTY, 2006, p.18).

De modo geral, percebe-se que o desenvolvimento do interesse pelo lugar, dentro da geografia e além dela, deve-se à busca de um conceito que coloque em destaque a relação de identidade do sujeito e seu grupo com o espaço em que habita. Sendo ele um centro de valor indispensável para constituição de autonomia e estabilidade. Relph (2012, p.21) alerta que, apesar de todas as diferenças, o estudo do lugar em qualquer corrente e área do conhecimento é uma “prática de resistência”, pois representa uma quebra de paradigma ao inserir o sujeito não mais como um mero objeto, mas com toda a complexidade que sua relação com o mundo engendra. Resta então, ao pesquisador definir qual a melhor lente que lhe cabe e promover, ou não, o diálogo entre as diferentes concepções conforme os sujeitos e a abordagem da pesquisa.

Referências Bibliográficas

- MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs.). Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido in CHRISTOFOLETTI, Antonio (org). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-194.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- CORRÊA, Roberto L. Espaço: um conceito chave da geografia in: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012. p. 15-47.
- DARDEL, Eric. O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey) in: **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.
- HOLZER, Werther. A influencia de Eric Dardel na construção da geografia humanista norte-americana in: **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças**. Porto Alegre, 2010.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica in: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.

PONTY, Merleau. Fenomenologia da Percepção. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RECLUS, Élisée. A natureza da geografia in: ANDRADE, Manuel Corrêa. Élisée Reclus: **Geografia**. Tradução: Januário Megale, Maria Cecília França, Moacyr Marques. São Paulo: Ática, 1985. p. 38-60.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. Geografia, Rio Claro, v. 04, n. 07, p. 01-25, 1979.

MASSEY, Doreen. **Superando a visão romântica sobre o lugar**. Entrevista revista Unissinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515130-superando-a-visao-romantica-sobre-o-lugar-entrevista-com-a-geografa-doreen-barbara-massey>. Acesso: em 17 de dezembro de 2013.

SANTOS, M. A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. Da totalidade ao lugar. 7.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SORRE, Maximiliem. Fundamentos da geografia humana in: MAGALE, Januário Francisco (org.). Max Sorre: **Geografia**. Tradução: Januário Megale, Maria Cecília França, Moacyr Marques. São Paulo: Ática, 1984. p. 87-98.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística in CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 143 – 164.

_____. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.